



---

**FAKE NEWS, MENTIRA ORGANIZADA E EDUCAÇÃO:  
UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT**

---

**FAKE NEWS, ORGANIZED LIE AND EDUCATION:  
A REFLECTION FROM HANNAH ARENDT'S THOUGHT**

---

**FAKE NEWS, MENTIRA ORGANIZADA Y EDUCACIÓN:  
UNA REFLEXIÓN DEL PENSAMIENTO DE HANNAH ARENDT**

---

Carlos Eduardo Gomes Nascimento<sup>1</sup>

**RESUMO**

A partir do pensamento de Hannah Arendt, o artigo busca compreender o fenômeno das *fake news*, relacionando-o com o conceito de mentira organizada. Hannah Arendt, pensadora judia, testemunhou tempos sombrios do regime totalitário na Alemanha em meados do século XX. A obra da pensadora chama à atenção que, mesmo findo os regimes totalitários, os riscos da manipulação da realidade espreitam a vida política contemporânea. Identifica-se, assim, as *fake news* como uma prática da propaganda de massa, oriunda de uma ideia totalitária. As *fake news*, informações intencionalmente fabricadas e compartilhadas em mídias digitais surgem como instrumento de manipulação social e política, incidindo sobre a educação. Mesmo não tendo um caráter político, para Arendt, a educação tem a responsabilidade de apresentar aos novos a realidade e história de um mundo comum. Conclui-se, que ainda assim diante de todos os riscos políticos, a educação pode ser um modo de resistência à mentira organizada e às *fake news*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Fake news*, mentira organizada, Hannah Arendt.

**ABSTRACT**

From the thought of Hannah Arendt, the article seeks to understand the phenomenon of fake news, relating it to the concept of organized lying. Hannah Arendt, a Jewish thinker, witnessed dark times of totalitarian rule in Germany in the mid-twentieth century. The thinker's work draws attention to the fact that, even after totalitarian regimes, the risks of manipulating reality lurk in contemporary political life. Thus, fake news is identified as a mass propaganda practice, derived from a totalitarian idea. The fake news, information intentionally fabricated and shared in digital media emerges as an instrument of social and political manipulation, focusing on education. Even though Arendt does not have a political character, education has a responsibility to present to the new the reality and history of a common world. It is concluded that, despite all political risks, education can be a way of resisting organized lies and fake news.

**KEYWORDS:** Fake news, organized lying, Hannah Arendt.

**RESUMEN**

Con el pensamiento de Hannah Arendt, el artículo busca comprender el fenómeno de las noticias falsas, relacionándolo con el concepto de mentira organizada. Hannah Arendt, una pensadora judía, fue testigo de

---

**Submetido em:** 26/12/2019 – **Aceito em:** 18/04/2020 – **Publicado em:** 29/04/2020

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia



tiempos oscuros de gobierno totalitario en Alemania a mediados del siglo XX. El trabajo del pensador llama la atención sobre el hecho de que, incluso después de regímenes totalitarios, los riesgos de manipular la realidad acechan en la vida política contemporánea. Por lo tanto, las noticias falsas se identifican como una práctica de propaganda masiva, derivada de una idea totalitaria. Las noticias falsas, la información fabricada intencionalmente y compartida en los medios digitales emerge como un instrumento de manipulación social y política, centrándose en la educación. Aunque Arendt no tiene un carácter político, la educación tiene la responsabilidad de presentar a los nuevos la realidad y la historia de un mundo común. Se concluye que, a pesar de todos los riesgos políticos, la educación puede ser una forma de resistir las mentiras organizadas y las noticias falsas.

**PALABRAS CLAVE:** Fake news, mentira organizada, Hannah Arendt.

## INTRODUÇÃO

“Quem sabe se as pessoas comuns não querem ser abusadas? Por que lhes tirar o prazer de acreditar em mentiras criadas especialmente para elas? Não é isso que vocês fazem aqui na agência [do mercado de notícias]?”. Esse trecho da peça “The Staple of the News” (1625)<sup>2</sup> de Ben Jonson retrata o jogo espúrio na comercialização de notícias no século XVII na Inglaterra. A peça de Jonson foi recentemente adaptada para o cinema brasileiro no filme “O mercado de notícias” (2014), dirigido por Jorge Furtado. No momento histórico da trama, Jonson mostra que as notícias são produtos à venda para o prazer e interesse de quem estiver disposto a dar o maior lance. “E é assim que se sustentam várias fontes oficiais que alimentam a imprensa, sejam as notícias verdadeiras ou falsas”, vocifera o dono da agência de compra e venda das notícias, que na adaptação cinematográfica, recebe o nome de Trombone, que explica, ironicamente, como funciona a lógica da produção das notícias em favor da nobreza e dos políticos ingleses. A comédia de Jonson evidencia uma transformação social e política pautada pelo consumo rápido das notícias sem qualquer preocupação ética, e fora dos fatos, é um vale tudo ao gosto do freguês.

A representação satírica da imprensa criada por Jonson com um mercado de compra e venda de notícias, parece não ser tão estranha aos olhos dos leitores e expectadores atuais, principalmente, com o fenômeno das *fake news*, ressaltada a distância histórica em que se estabeleceu os interesses privados e políticos de cada sociedade. As *fake news*, notícias fraudulentas (REVISTA USP, 2018)<sup>3</sup>, surgem como um acontecimento fundamental para pensar as relações sociais e políticas; questionar a manipulação de conteúdo pela desinformação e, também, as implicações da mentira na distorção da realidade.

<sup>2</sup> Não foi encontrada tradução em português desta peça de escritor inglês Ben Jonson, foi utilizada a transcrição do áudio do filme “O Mercado de notícias” (2014) de Jorge Furtado.

<sup>3</sup> Segundo professor e jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (REVISTA USP, 2018), as *fake news* são muito mais que notícias falsas, são notícias fraudulentas, ou seja, aquelas notícias publicadas com intenção de dolo, de modo baixo e tateado.

Compreende-se as *fake news* como um elemento de instrumentalização e organização da mentira por uma produção que afeta o espaço público. A disseminação de informações e notícias fraudulentas não se restringe a política, incidindo também sobre o conhecimento e a produção científica. A desordem informacional pelas *fake news* ganham cada vez mais velocidade com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), implicando no comprometimento ético e responsável que os educadores devem possuir ao apresentar o mundo comum, história e a cultura, às crianças na sala de aula. Nessa circunstância, as *fake news* representam um novo desafio à educação.

As redes sociais têm aproximado pessoas por afinidades, desejos e interesses em comuns, seja no compartilhamento de intimidades, em fotos e vídeos, seja de informações e notícias no *feed* do perfil de cada usuário. Quanto maior é número de *likes*, compartilhamentos e comentários, mais uma ideia se propaga e pode provocar as mais diversas reações. Uma notícia disseminada nas redes sociais afeta espíritos e move a paixão e a emoção dos indivíduos, principalmente, entre os usuários que tendem a pensar da mesma maneira. Essa visão de mundo, por vezes, limitada a cada *like*, sem reflexão e crítica acerca do assunto compartilhado, estimula a homogeneização de ideias, formando “bolhas” nas redes sociais. Segundo Eugênio Bucci (2018, p. 28):

Na era das redes sociais, o indivíduo se encontra encapsulado em multidões que o espelham e o reafirmam ininterruptamente – são as multidões de iguais, as multidões especulares, as multidões de mesmos. Vêm daí as tais “bolhas” das redes sociais, cujo traço definidor é a impermeabilidade ao dissenso, a ponto de uma comunidade de uma determinada bolha mal tomar conhecimento da outra.

Na imagem refletida da grande massa de seguidores não há conflitos, não há o diferente, não há o outro para o debate, só uma imagem que reflete a si mesma. Nessa bolha, os usuários executam uma mesma coreografia ritmada como um *flash mob*<sup>4</sup>, em que os passos de uma dança podem se tornar preconceitos, ideias e hostilidades. Os *posts* assumem cunho de verdade factual e de imparcialidade, principalmente, quando, na verdade são meros julgamentos pessoais e não encontram qualquer fundamento histórico. Nessa vertente, Lúcia Santaella (2018, p. 58) afirma que as bolhas e as *fake news* se mostram em prol da disseminação de crenças enrijecidas por ideias fixas e inflexíveis e trabalham para minar a confiabilidade de quaisquer fontes de registros e transmissão da efetiva ocorrência dos fatos. Nessas bolhas sociais, as *fake news* são vorazmente consumidos pelos usuários e encontram um terreno fértil para disseminar a mentira e a fraude de maneira intencional.

<sup>4</sup> “*Flash mob* é uma aglomeração instantânea de pessoas em um local público para realizar determinada ação inusitada que chame a atenção das outras pessoas. Esta ação se utiliza das mídias sociais para despertar o rápido interesse para causas nada convencionais” (TRINDADE, FIGUEIREDO; SANTOS; MANGAN; CONSTANTE, 2012, p. 25).

As *fake news* são replicadas pelos usuários e, por vezes, estimuladas pelas redes sociais, através de algoritmos que aproximam esses indivíduos a uma *bolha*, onde nem sempre há pessoas, mas meros *bots*, robôs virtuais convertidos em perfis, que dão a sensação aparentemente de existência de pessoas reais e responsáveis por atos. Esses *bots* manipulados por alguns grupos com interesses políticos ajudam a difundir as notícias fraudulentas. As redes sociais, grandes sites de busca ou aplicativos de comunicação como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Google*, *YouTube* e *WhatsApp* estão entre as empresas do mundo que mais faturam no mundo. O objetivo dessas empresas não é filtrar a qualidade e a fidedignidade das informações, mas explorar ao máximo o tempo de permanência dos usuários no acesso às redes, possibilitando o cruzamento de dados para que cada usuário converta os desejos em lucro para essas empresas.

No entanto, os dados de acesso a sites sobre o que cada usuário pesquisa, escreve e compartilha, não estão sendo utilizados para fins publicitários, mas também com o objetivo político. Ao analisar os regimes totalitários em meados do século XX, a pensadora Hannah Arendt, observou que eles se aproveitaram das técnicas publicitárias, importadas de grandes empresas norte-americanas, não para a venda de sabonetes, mas para propagar mentiras com o objetivo político. O totalitarismo se formou por verdadeiras milícias ideológicas, que atuavam politicamente para espalhar toda e qualquer forma de mentira na sociedade de massas. Conforme Arendt (2016, p. 394): “os nazistas aprenderam tanto com as organizações dos gângsteres americanos quanto a sua propaganda aprendeu com a publicidade comercial americana”. Esse tipo de publicidade encontra aporte em uma sociedade de massas.

Atualmente, mesmo nas democracias contemporâneas, o jogo de interesses econômicos e políticos os fins parecem justificar os meios com o emprego das *fake news*, que se mostram como um dos instrumentos mais eficazes de propagar e fraudar informações na destruição não só do adversário político como também da própria realidade através da mentira meticulosamente organizada. A exemplo disso foram as investigações sobre a eleição presidencial norte-americanas de 2018 e o Brexit na utilização de dados de usuários na rede social (BUCCI, 2018).

Entre a verdade e a mentira, entre o fato e a fraude, entre a liberdade e a censura, os cidadãos dos estados democráticos modernos encaram novos desafios políticos e sociais. Pois a revolução tecnológica, por meio das redes sociais, não apenas transformou a comunicação e a maneira como as pessoas se relacionam, mas afetou os fenômenos sociais, que implicam na formação ética e política das pessoas, um desses fenômenos que sofreram um forte impacto foi a educação.

O fenômeno da educação vem transformando-se com o advento das tecnologias virtuais, o que parece ser inegável com a facilidade de acesso à informação que uma rápida pesquisa no *Google* pode proporcionar em qualquer biblioteca no mundo com arquivos digitalizados, em



jornais de grande circulação e em revistas científicas. A facilidade de acessar informações cria uma nova dinâmica na relação com o conhecimento, pois o conteúdo acessível na Internet por vezes tende a ser apropriado, principalmente, pelos alunos de modo aleatório sem que haja uma mediação ou provocação feita pelo professor, a fim de problematizar e questionar criticamente as fontes e a própria informação.

Daí a relevância de investigar o conceito da mentira organizada pela produção das *fake news*. A mentira organizada adentra a política com a finalidade de destruir o espaço público e o mundo comum. A partir dessa perspectiva arendtiana, trata-se do falseamento deliberado da realidade e da história que incide sobre a educação dos novos. Consoante este pensamento, os educadores não podem se furtar de compreender os perigos que as *fake news* representam sobre a educação, para que a geração mais nova compreenda a diversidade cultural e histórica criadora de um mundo comum.

Segundo a pensadora Hannah Arendt (2011), a educação é o acolhimento de novos seres humanos, as crianças e os jovens, na herança de um mundo comum. As crianças e os jovens são como recém-chegados em um território estranho, permeado de cultura, histórias e saberes. Cada criança e jovem tem consigo uma potencialidade única, para pensar e agir com os outros no mundo humano. Assim também, todo novo educando é portador de uma novidade singular, uma capacidade de construir o mundo e de transformá-lo, mas, para tanto, as crianças e os jovens devem ser acolhidos por uma geração mais velha que lhes apresenta o mundo.

Dessa forma, através do pensamento de Hannah Arendt, a educação se constitui como um espaço de mediação e cuidado entre as gerações, em que a mais antiga tem a responsabilidade de introduzir as crianças e os jovens, os novos, no mundo comum. Ante a concepção de educação, Arendt aponta para comprometimento e responsabilidade dos educadores, mesmo em tempos sombrios, em contar histórias e experiências de gerações passadas do mundo, revelando um legado de conhecimento às novas gerações.

A educação passa pelo reconhecimento de que todos os seres humanos possuem o direito de pertencer ao “espaço-entre” (ARENDR, 2017), o mundo humano plural. Para realizar sua tarefa, a educação deve acolher a singularidade presente em cada nova criança, que aqui aporta semelhante a um estrangeiro, cuja introdução ao mundo humano permite que se sinta herdeira do espaço de convivência comum. É assim que a educação proporciona o sentimento de pertença ao mundo, permitindo que as crianças e jovens se sintam em casa.

Hoje, a maior parte dos alunos possui uma conta em uma rede social e utiliza aplicativos de mensagens e são sujeitos ativos que produzem conteúdo, textos, imagens, vídeos, áudios que em geral são compartilhados em ambientes abertos ao olhar público. O acesso, a produção e o compartilhamento de informação e conhecimento devem ser fontes para a reflexão desde cedo das crianças e os jovens. A escola, família e sociedade devem estar alertas sobre os



riscos da desinformação e da mentira que se organiza em torno da educação. Porém, é na escola onde as crianças são introduzidas em um mundo comum e desenvolvem um sentimento de pertencimento a uma diversidade cultural e histórica.

## O PERIGO DA MENTIRA ORGANIZADA

A pensadora Hannah Arendt (2011, p. 283) lembra que a sinceridade nunca foi uma virtude dos políticos, por mais que se tente justificar a mentira como uma ferramenta necessária ao exercício do político ou do demagogo, a mentira quando adentra e domina a esfera pública torna-se uma arma eficiente contra a verdade. Nessa condição, a mentira na política pode ser usada de maneira organizada com o objetivo de desestabilizar a verdade dos fatos, a história e até mesmo a vida dos indivíduos. A mentira quando estatuída na política gera sérios riscos aos fatos e ao mundo comum. Segundo André Duarte (2000, p. 185):

O problema da mentira na política torna-se grave e urgente, quando ela deixa de ser tópica a passa a abranger todo um contexto em que os fatos contingentes tornam-se significativos, bem como quando ela passa a redefinir os contornos do presente e do passado por meio da reescritura da história. Nessas circunstâncias, a mentira [...] é a arte de destruir toda evidência que a contradiga, destruindo, assim, o próprio tecido do espaço público ao apagar completamente as fronteiras entre fato e ficção.

Diante dos acontecimentos da modernidade, o perigo da mentira organizada na política foi um traço marcante analisado por Arendt. No entanto, para Arendt (2016, p. 512): “os verdadeiros transe do nosso tempo somente venham a assumir a sua feição autêntica – embora não necessariamente a mais cruel – quando o totalitarismo pertencer ao passado”. Arendt parece chamar à atenção que mesmo com princípios fundamentais como a liberdade na vida dos modernos regimes democráticos, a liberdade pode sofrer com os resquícios totalitários das técnicas de propaganda de massa, enquanto uma forma de comunicação da mentira organizada na política. A mentira organizada é uma herança maldita totalitária que pode correr o risco de se alastrar como verdadeiro transe semelhante às ideologias criando condições para o desaparecimento do próprio espaço político. Segundo Pereira (2017, p. 93),

A instrumentalização moderna da mentira na política atenta inclusive contra a realidade; ela implica uma forma de tornar “verdade” uma mentira, uma falsidade. O risco está no apagamento da linha demarcatória entre ficção e realidade. É por essa razão que a instrumentalização da mentira, como mentira organizada, mira a possibilidade de apagar fatos testemunhados e conhecidos. A intenção de ser uma mentira geral, de massa, toca justamente no aparato que é o garantidor da realidade, o aparecer relacional dos fatos.

Ainda assim no espaço político democrático, em que há pluralidade da interação entre os

sujeitos, a mentira pode surgir e sustentar a simulação da realidade, desempenhando a vil forma estratégica em organizar-se para convencer a opinião pública. Arendt (2015) no artigo “A mentira na política” analisou os documentos do Pentágono, departamento de defesa dos EUA, que validaram a guerra do Vietnã. Os documentos, na visão de Arendt, não apenas demonstraram que a realidade foi simplesmente ignorada e manipulada, mas também ocorreu o menosprezo dos fatos históricos, políticos e geográficos. Para Arendt (2015, p. 15): “A veracidade nunca esteve entre as virtudes políticas, e mentiras sempre foram encaradas como instrumentos justificáveis nestes assuntos”. Nessa perspectiva arendtiana, Santaella explica,

A política, por seu lado, para evitar fanatismos irracionais precisa ancorar suas decisões nos fatos, estes apurados e elaborados fora dela. Isso significa que, para evitar ser corrompida, a política deve se colocar à escuta das vozes problematizadoras que provêm da imprensa e dos cientistas políticos quando estes estimulam os debates em torno da justa interpretação dos eventos (SANTAELLA, 2018, p. 56).

A verdade dos fatos e histórica quando ameaçada pelo oportunismo político dos organizadores da mentira precisa continuamente ser defendida com o máximo de questionamentos nos debates públicos. Posto que, segundo Arendt (2011, p. 310): “[...] quando uma comunidade adere ao mentir organizado por princípio, e não apenas em relação a particularidades, a veracidade como tal, sem o apoio das forças distorcivas do poderio e do interesse, se torna fator político de primeira ordem”. Dessa maneira, quando a falsidade deliberada começa a surgir no mundo, onde mentira se faz por princípio, aqueles sujeitos que pesquisam, analisam e apresentam a verdade dos fatos começam a agir. Arendt (2011, p. 311) observou que

Onde todos mentem acerca de tudo que é importante aquele que conta a verdade começou a agir; quer o saiba ou não, ele se comprometeu também com os negócios políticos, pois, na improvável eventualidade de que sobreviva, terá dado o primeiro passo para a transformação do mundo.

Arendt identificou e analisou a mentira não apenas nos regimes totalitários, como também na democracia que pode vir a ser suscetível à mentira organizada, como, por exemplo, os documentos do Pentágono que demonstram como é possível o Estado controlar e vigiar todos os cidadãos e manipular a realidade e a verdade dos fatos em favor da guerra contra o Vietnã.

Quando a falsidade deliberada se espalha e se organiza com o artifício e a velocidade da tecnologia não apenas se fragiliza a multiplicidade de ideias ou o limite entre a verdade e a mentira, mas também os modos singulares de ser na realização da sociedade democrática cada vez mais plural. Conforme Arendt (2015, p. 17): “Verdade ou falsidade – já não importa mais o que seja, se sua vida depende de você agir como se acreditasse; a verdade digna de confiança desapareceu por completo da vida pública, e com ela o principal fator de estabilização nos cambiantes assuntos dos homens”.



A mentira organizada não admite qualquer diferença, diversidade e novidade no mundo, pondo fim à ação plural, eliminando qualquer possibilidade de realização da política, que se revela na novidade, por atos e palavras, de cada pessoa no espaço compartilhado. Contrapor-se a um mundo obliterado pelas mentiras é um dever de todos, principalmente de figuras nem sempre consideradas políticas, como o historiador, os professores e as professoras, os poetas e os cientistas, que em tempos sombrios de disseminação da mentira organizada ganham ainda mais relevância como atores políticos, possibilitando a transmissão da diversidade cultural, científica e a história.

### **FAKE NEWS, UM INSTRUMENTO DA MENTIRA ORGANIZADA**

Com o avanço da tecnologia, a organização da mentira potencializou-se na rede de computadores, a Internet. Arendt chegou a cogitar a possibilidade em que recursos tecnológicos como computadores interligados poderiam servir de força motriz para a produção da mentira organizada, “por maior que seja a rede de falsidade que um experimentado mentiroso tenha a oferecer, ela nunca será suficientemente grande para cobrir toda a imensidão dos fatos, mesmo com a ajuda de um computador” (ARENDR, 2015, p. 16). A pensadora não idealizou o surgimento e a massificação de uma rede mundial de computadores, porém imaginou a possibilidade da mentira ser organizada com a ajuda da tecnologia em favor de um interesse privado sobre o público com o propósito de manipular a opinião pública.

Conforme Arendt (2011, p. 297), a verdade factual é suscetível a toda sorte do poder político que tenta dar a última palavra em qualquer assunto. Desse modo, quando o poder assedia e manipula deliberadamente a verdade dos fatos transmitidos por gerações tem-se um território de dominação em que se pode tudo para falsear ou negar os acontecimentos, o passado e, até mesmo, a própria razão. Assim, muito além da ideia do sensacionalismo que choca a opinião pública, a peça “O Mercado de Notícias” de Jonson já alertava para os riscos do falseamento deliberado da verdade dos fatos pelas notícias. Em uma cena da peça, Jonson expõe revela como essas notícias são produzidas e organizadas para a venda:

A notícias são catalogadas por assuntos e organizadas entre as autênticas e apócrifas, aqui temos notícias de crédito duvidoso como as conversas de barbeiro (...) Nós temos notícias por estações, notícias das feiras, notícias de férias, notícias de natal, notícias de várias facções — protestantes, reformistas e católicas —, todas elas registradas em livros com observações e com nome de amigos especiais (O MERCADO DE NOTÍCIAS, 2014).

As notícias aos borbotões eram oferecidas como produtos em uma prateleira de supermercado, bastava algum interessado, pessoas comuns ou agentes do estado, escolher e possuir recursos para comprá-las que a agência de Trombone espalharia as notícias duvidosas

por toda a Inglaterra. A produção de notícias de caráter duvidoso parece ser um problema bem antigo, em que a fidedignidade da informação veiculada é dirimida face aos diversos interesses seja de ordem pessoal, seja por grupos que controlam o poder econômico e político.

As *fake news* são muito mais que notícias de caráter duvidoso, trata-se de informações intencionalmente fabricadas pela manipulação política da realidade. Pode-se imaginar que as *fake news* bem como a propaganda de massa de natureza totalitária objetivam deformar e minar o espaço político. Conforme Arendt (2016, p. 401) “o que convence as massas não são os fatos, mas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte”. A propaganda totalitária e as *fake news* são capazes de inventar e destruir os fatos, sob o domínio público, da história e da realidade.

O acesso à informação tornou-se dinâmico com tecnologias e redes sociais, em um contexto bem diverso do mercado de notícias de Jonson. Atualmente, qualquer pessoa com acesso à Internet pode produzir e espalhar notícias, instigando ao preconceito, ao ódio e a outras formas de violência. Mesmo diante de um mundo cada vez mais tecnológico e democrático, as pessoas são alvo da mentira organizada, principalmente durante os pleitos eleitorais. Com as *fake news* na política, a mentira parece se tornar um princípio em que parte da população aderiu aos conteúdos falaciosos disseminados nas redes sociais. Ao passo que, outros setores sociais, como a imprensa, as universidades, alguns partidos políticos, as escolas e muitos cidadãos, mesmo sob o risco da violência, se opõem a mentira em massa na preservação da história e da realidade.

Ocorre que qualquer notícia hoje veiculada mesmo pela imprensa tradicional acaba sendo taxada de *fake news* ou cria-se “fatos alternativos”, principalmente, aquelas notícias que desagradam alguns setores do poder econômico e político, quando são cobrados e fiscalizados na realização de um exercício democrático<sup>5</sup>. Nesse contexto, percebe-se que as *fake news* são um desafio à educação que se inspire democraticamente na liberdade de expressão e na autonomia de pensamento, o que impõe uma eterna vigilância sobre todos os atos do poder.

Diversas áreas do conhecimento vêm se mobilizando na compreensão sobre o que são as *fake news*, em uma tentativa de uma definição mais precisa. O dicionário britânico Collins (2017) elegeu a expressão *fake news* como a palavra mais significativa do ano de 2017, depois de registrarem um aumento de 365% do uso do termo, conceituando como: “notícias falsas de teor sensacionalista, disseminada sob o disfarce de reportagem”. Nessa mesma perspectiva, a Revista USP (2018) com o “Dossiê Pós-Verdade e Jornalismo”, que reuniu pesquisadores,

---

<sup>5</sup> “Fatos alternativos” é um termo que estimula a substituição de argumentos factuais por afirmações não comprovadas para manipular debate público. Surgiu quando Sean Spicer, porta-voz da Casa Branca, alegou que a posse de Trump teve o maior público da história — enquanto imagens mostram justamente o contrário. Kellyanne Conway, a conselheira do presidente, tentou atenuar as afirmações de Spicer dizendo se tratar de fatos alternativos.

professores e jornalistas, apontou para uma possível definição da expressão *fake news* como uma notícia fraudulenta sobre conteúdos e notícias publicadas na Internet e nas redes sociais com intenção de manipular documentos, imagens e dados, de modo baixo e trapaceiro.

As *fake news* destacam-se por duas características: a falsidade intencional e a falta de autenticidade, conforme observa Recuero e Gruzd (2019, p.32), que definem: “As *fake news*, assim, não se trata apenas de uma informação pela metade ou mal apurada, mas de uma informação falsa intencionalmente divulgada, para atingir interesses de indivíduos ou grupos”. Nessa esteira, a recente publicação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no livro “Jornalismo, *Fake News* & Desinformação: Manual para Educação” de Cherilyn Ireton e Julie Posetti (2018, p. 7), também, expressa uma compreensão para o fenômeno das *fake news*,

Evita-se admitir que o termo *fake news* (“notícias falsas”) possua um significado direto ou comumente compreendido. Isso ocorre porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão “notícias falsas” é um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais.

Esse livro da UNESCO alerta para a relação das *fake news* e a educação, principalmente, quanto a “desinformação”, na produção de uma notícia deliberadamente fraudulenta com a finalidade de manipular as pessoas, sendo “particularmente perigosa, [a desinformação] é frequentemente elaborada, com bons recursos, e acentuada pela tecnologia automatizada” (IRETON; POSETTI, 2018, p. 7). De maneira geral, o termo *fake news* está associado à área da comunicação, principalmente, ao jornalismo, no entanto a dimensão e o alcance das *fake news* tornou-se incontrolável e com uma maior amplitude na propagação dos discursos intencionalmente produzidos para ludibriar e subverter os fatos. Essa desorientação pela mentira instrumentalizada pelas *fake news* e o uso da TDIC, também, é objeto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

Em que pese o potencial participativo e colaborativo das TDIC, a abundância de informações e produções requer, ainda, que os estudantes desenvolvam habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética, considerando, por exemplo, a profusão de notícias falsas (*fake news*), de pós-verdades, do cyberbullying e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias (BRASIL, 2018).

As notícias fraudulentas apresentam diversas estruturas na divulgação da informação, podendo ser configurada em vários gêneros textuais: na aparência de veracidade como jornalístico informativo, revestida por um véu de exposição de pesquisas científicas, com um aspecto enganoso de um documento oficial e outras vezes com o teor humorístico em edição

capciosa de vídeos e áudios. De modo geral, os textos das notícias intencionalmente falsas buscam estabelecer uma imediata relação entre a linguagem e o conteúdo, que são encobertos por uma caracterização textual revestida da “verdade”, a fim de reproduzirem uma aparente fidedignidade no conteúdo, facilitando a “viralização” entre as pessoas. As *fake news* constituem um espaço de identificação, do desejo e das expectativas de mundo que as pessoas possuem nas redes sociais, em sites de busca, nas plataformas de vídeo e blogs.

No entanto, a Internet, rede mundial de computadores, conforme o sociólogo espanhol Manuel Castells (2003, p.8), “é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. Nesse contexto, a Internet é um produto da ação humana sob condições específicas e históricas. Sobre essa indissociável relação da Internet e a ação humana. Castells (2003, p. 75) expõe:

A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade. [...] [A invenção da Internet] reforça também a ideia de que a cooperação e a liberdade de informação [...].

A Internet tem também ocasionado perplexidades com a manipulação da realidade, dos fatos e da história, quando alguém a utiliza como um estratagema político. Desse jeito, quando uma pessoa, pela Internet e redes sociais, se diz o conhecedor, o único capaz de enunciar e implementar a “verdade” seja na política, seja na educação e seja na vida em comum a todos, corre-se o risco da mentira se instalar no mundo.

As redes sociais são espaços digitais, que durante algum tempo foram vistos como novas praças públicas na mobilização da sociedade para a defesa de ideias e princípios democráticos (SILVA, 2013). No livro “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet”, o sociólogo espanhol Manuel Castells (2013) analisa que as interações nas redes sociais fomentaram ideias e novos ares de mudanças sociais e democráticas em diversos países. Conforme Castells (2013, p.7): “os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias”<sup>6</sup>. Naquele período histórico ocorreu uma ebulição política popular nos quatro cantos do mundo, que teve como uma das principais centelhas o encontro de pessoas nas redes sociais que não só exibiam suas fotos, mas também iniciariam discussões sobre a realidade

---

<sup>6</sup> Esses movimentos geraram acontecimentos políticos em todo o mundo: Occupy Wall Street, protesto no centro econômico dos EUA, em 2010, contra a desigualdade econômica, social e a corrupção devida a influência das empresas no governo norte-americano. A Primavera Árabe, onda de protestos em favor da democracia ocorrida no ano de 2011 em parte dos estados árabes. Os “Indignados”, nome dado aos jovens cidadãos espanhóis que protestavam pela transparência e contra “partidocracia” e corrupção atos públicos. As reivindicações populares por maior participação política e por demandas sociais no Brasil em junho de 2013, onde em cartazes mostravam dizeres como “saúde e educação padrão FIFA”.



socioeconômica e política em seus países. Todos esses movimentos no mundo tiveram em comum a utilização das redes sociais, o Twitter e o Facebook, e smartphones para organizar encontros e estabelecer debates sobre ideais de mudanças sociais e políticas, principalmente, contra desigualdades históricas nos respectivos países.

As redes sociais têm intensificado rápidas transformações na compreensão dos cidadãos sobre as configurações políticas e os regimes democráticos. Os últimos processos eleitorais ocorridos no mundo, logo após a massificação das redes sociais na vida pública, demonstraram uma contraposição às demandas sociais exigidas por aqueles protestos entre 2010 a 2015 no mundo. As reivindicações populares por habitação, saúde, transporte, educação, respeito às minorias e conservação do meio ambiente foram minoradas e enxovalhadas, paralelamente, por discursos polêmicos contra os direitos humanos que se espalharam nas redes sociais. Dessa maneira, as ruas cederam espaço para as redes sociais que se tornaram o principal palco de embates políticos, dando origem a uma onda conservadora na política e nos costumes em diversos países como EUA, Inglaterra e Brasil.

Entre muitos fatos vivenciados no tempo presente os acontecimentos políticos e o intrínseco envolvimento com as redes sociais, um fenômeno que não é novo na política vem ocorrendo de maneira desmedida: a instrumentalização da mentira organizada. Esse mal exercício da política tem se mostrado efetivo, atrelado as tecnologias e as redes sociais, com as *fake news*, uma ação politicamente organizada que distorce a verdade dos fatos ao bel-prazer do jogo em favor do controle do poder político, manipulando ideologicamente a opinião pública. Tal controle do poder político atenta também contra a liberdade de imprensa, quando veículos tradicionais de comunicação publicam notícias que desagradam o político são caracterizadas por estes como *fake news*. As *fake news* têm se mostrando capazes de abalar princípios democráticos em direção à demagogia populista e ao autoritarismo. Esse tipo de instrumento da mentira organizada disseminado pelas redes sociais prejudica o convívio político em comum, instigando as pessoas à intolerância. As redes sociais em dado período proporcionaram a aproximação de pessoas com ideias para melhorar a participação democrática, no entanto a mentira política alastrou-se pelo uso de *fake news* e atçou a disseminação de posições ideológica autoritárias através de uma intimidade mórbida entre alguns governantes e governados.

No seio democrático, como uma espécie de arapuca política a mentira organizada instrumentaliza-se pelas *fake news* que catalisam tendências autoritárias presentes em opiniões anteriormente veladas de alguns grupos sociais, mas que agora encontram amparo na legitimidade da verbalização de alguns políticos. E o uso tecnológico tem se mostrado como um instrumento poderoso na rápida disseminação da mentira na política. Quando a mentira alcança os espaços públicos, a opiniões e o diálogo, corre-se o risco de perecer pelo falseamento deliberado da realidade, da destruição da verdade fatural e do apagamento da diversidade cultural e histórica.



Quando a mentira, dessa forma, começa a ser organizada, a educação é uma das primeiras instituições a ser dearticulada. Nas últimas eleições no Brasil, em 2018, a mentira organizada instrumentalizou-se através das *fake news* alcançando políticas públicas para a educação. A profusão de notícias fraudulentas produzidas por um sistema organizado promoveu a desordem informacional no eleitorado, principalmente sobre a educação escolar das crianças pequenas. Dentre as *fake news* sobre a educação, uma que causou mais alvoroço no eleitorado nacional foi divulgada acerca da existência de um “kit gay” para crianças distribuído nas escolas. Tal *fake news* gerou, e ainda continua a gerar, desinformação e prejuízo para o debate educacional, rendendo capital eleitoral para muitos profissionais da política. Assim também, outras notícias fraudulentas sobre a educação apontaram para as seguintes manchetes: “as escolas militares são a saída para crianças de comunidades vulneráveis”, “a educação durante a ditadura era melhor”, “métodos de Paulo Freire e Antonio Gramsci exercem doutrinação nas escolas”, “a existência da ideologia de gênero nas escolas”, “as crianças agora vão poder falar e escrever errado” (NOVA ESCOLA, 2018). A máquina de produção de notícia fraudulentas sobre a educação, também, teve como alvo as Universidades Públicas no Brasil na tentativa de causar clamor popular contra uma suposta balburdia.

Na perspectiva de Arendt, a educação não tem seu fim na política ou na ação, pois educar não consiste na preparação política. A educação expressa o momento em que as crianças e os jovens possam compreender e pensar as experiências humanas, que as diversas gerações legaram ao mundo, e a partir desse conhecimento o renovar ou não publicamente. Dessa maneira, a responsabilidade de narrar o mundo às futuras gerações carece de cuidado na busca constante pela verdade dos fatos, acontecimentos humanos que fazem parte da história. A educação, mesmo não tendo um caráter precipuamente político, assume um lugar de resistência a todas as formas de ideologias que escusam a verdade dos fatos.

## EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA À MENTIRA

Na educação, as crianças e os jovens são acolhidos em um mundo mais antigo e ainda muito estranho para elas. As professoras e os professores nas escolas apresentam um legado histórico e cultural aos novos, possibilitando que eles, aos poucos, possam se “sentir em casa no mundo” (ARENDR, 2006, p. 39), isto é, pertencentes a uma história comum. A educação cuida da durabilidade do mundo comum constituído por um legado material e simbólico humano, pois “só num mundo dotado de durabilidade pública — um mundo que acolhe em seu seio os novos, que os transforma em herdeiros autorizados de seu passado e agentes responsáveis por seu futuro — é possível instituir o novo” (CARVALHO, 2017, p. 66). Esse legado histórico criado é composto por gerações passadas compõe a cultura, as imagens e as palavras na literatura e nas obras de arte, no testemunho da ação humana no espaço público, na produção de conhecimento, saberes e práticas.

Percebe-se que a educação incide em uma dupla responsabilidade da geração mais velha em preservar o mundo comum e em introduzir as crianças e os jovens nessa herança histórica. Os mais velhos devem cuidar do mundo, repleto de estórias, para que os novos, que chegam a cada instante, possam revelar a sua singularidade. A educação lida com o que há de mais frágil no mundo comum não só com a verdade factual como também com uma diversidade de estórias, fragmentos, testemunhos, experiências e conhecimentos do passado. Não apenas a fragilidade da verdade dos fatos alcança um espaço compartilhado, mas tudo que diz respeito ao passado pode sofrer diante do insidioso assédio do poder, que com o uso deliberado da mentira invade a educação, visto que a escola tem o dever de manter sempre a responsabilidade em apresentar aos novos o mundo comum. Arendt (2011, p. 287),

As possibilidades de que a verdade factual sobreviva ao assédio do poder são de fato por demais escassas; aquela está sempre sob o perigo de ser arditosamente eliminada do mundo, não por um período apenas, mas, potencialmente, para sempre. Fatos e eventos são entidades infinitamente mais frágeis que axiomas, descobertas e teorias — ainda que os mais desvairadamente especulativos — produzidos pelo cérebro humano; ocorrem no campo das ocupações dos homens, em sempiterna mudança em cujo fluxo não há nada mais permanente do que a permanência, reconhecidamente relativa, da estrutura da mente humana. Uma vez perdidos, nenhum esforço racional os trará jamais de volta.

A verdade dos fatos não está segura nas mãos do poder (ARENDR, 2011, p. 319) quando a mentira se insere na política. De acordo com Duarte (2000, p.185): “é preciso impedir que a mentira e a manipulação possam converter-se nos elementos centrais do discurso político, de sorte que a luz do espaço público deixe de revelar novas perspectivas do mundo e passe a escondê-las e destruí-las”. A educação também é ameaçada pela mentira não apenas no que diz respeito à verdade dos fatos, mas toda a dimensão temporal de testemunhos sobre as ações e as palavras do mundo comum, narrados e transmitidos às próximas gerações.

À vista disso, quando a mentira ultrapassa o campo da política para adentrar outros espaços compartilhados como a escola cresce o perigo de perder essa herança cultural e histórica comum transmitida por gerações. Na concepção arendtiana, a educação não é o lugar para o exercício da política, das decisões sobre os negócios humanos, muito menos as escolas são laboratórios de ensaio sobre como os estudantes devem se comportar como futuros cidadãos. A escola não é o espaço do político por excelência, mas possui uma dimensão pré-política (ARENDR, 2011, p. 240). Isto não significa dizer que a escola seja uma preparação stricto sensu para o mundo público. A escola exerce sua função na formação humana, na medida em que as crianças e os jovens podem compreender e pensar sobre as experiências comuns. Quando adultos, adentram em igualdade de condições o mundo público, pelo exercício da cidadania.

Arendt (2011, p. 319) observou que diante da mentira organizada na dimensão do espaço público e político onde todos mentem aquele que fala a verdade começa a agir. Na educação,

o simples ato de falar a verdade dos fatos não é suficiente, pois as crianças e os jovens não estão em um ambiente dos adultos, da emissão de opiniões e de decisão sobre os negócios humanos. Diferente da política, a educação cria condições de possibilidade para que as ações humanas adquiram um sentido humanamente compreensível por meio de estórias. As estórias são as narrativas que preservam a herança histórico e cultural das ações, da existência e da vida de gerações ancestrais. Na educação, professoras e professores ao narrarem as estórias do mundo comum às crianças estabelecem laços de pertencimento à história. As narrativas trazem ao alume o testemunho de gerações ancestrais, a novidade que cada novo ser humano e cada geração trouxe ao mundo.

A educação mesmo não sendo uma categoria de ordem política, ao narrar os fatos, os testemunhos, as experiências e o conhecimento de gerações passadas começa a atuar politicamente contra a ordem estabelecida pela mentira. Quando a mentira se instala, regatar os fragmentos das estórias do mundo comum implica um ato de resistência também na educação, pois a educação tem como propósito a apresentação de um legado cultural caracterizado pela diversidade às futuras gerações. Resistir à mentira organizada que busca controlar a realidade e tudo o que diz respeito ao passado, é uma tarefa da educação. Os espaços escolares não podem abrir mão nem da tradição, como uma forma de se relacionar com o passado; nem da autoridade, que reside nas experiências fundantes na história do mundo comum. Arendt (2011, p. 245) escreveu que

O problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não poder esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição.

A tradição aproxima no tempo gerações mais antigas com as atuais, nomeando, selecionando e transmitindo as estórias, uma expressão da promessa de renovação do mundo comum pelas mãos das futuras gerações. Consoante Arendt (2011), a tradição teve seus fios cortados no período moderno, que culminou com o terror da mentira, da ideologia, da guerra e do genocídio organizado pelos regimes totalitários. A mentira organizada traz em si o germe do totalitarismo na destruição da ação, da liberdade e da pluralidade humana no mundo. A mentira organizada põe fim a apreensão da realidade que depende de compartilhamento do mundo com nossos semelhantes (ARENDR, 2011, p.314). A mentira com resquícios totalitários roda o presente, com a finalidade de apagar a história e a memória, as conquistas e as lutas coletivas de diversos segmentos da humanidade.

Mesmo com o fim dos regimes totalitários, a perda da tradição envolve a relação humana face a tudo o que era conservado pela autoridade, ou seja, o respeito ao passado, pois não se pode recorrer a experiências comum a todos. No entanto, mesmo diante da fragmentação do mundo comum, a educação não pode abrir mão de pensar tradição e a autoridade. Essas duas concepções vitais à educação tornam-se muito caras diante a ocupação do espaço comum pela mentira organizada. Constituindo-se uma difícil tarefa às educadoras e aos educadores na



busca dos fragmentos, do testemunho e das estórias que possa estabelecer uma mediação entre o passado e o futuro.

Uma difícil tarefa para os atores educacionais contra a mentira que tem a capacidade de apagar os fatos, testemunhos, narrativas e a própria realidade. Assim como a verdade, a educação, para Arendt, não compõe os embates do domínio da política, que são resguardados ao terreno das opiniões. Nem a verdade, nem a educação são da ordem do político. Porém, como o mundo comum depende da responsabilidade das educadoras e dos educadores, do ato de narrar as diversas estórias, de apresentar aos novos as experiências, os fatos, as ações e as palavras de gerações antepassadas, a educação politiza-se. A partir desse entendimento, é possível considerar a existência de um sentido político para a experiência escolar, pois aqueles que educam estão em consonância com aqueles que no âmbito da política assumem o risco de dizer a verdade. Isto é, na luta contra a mentira organizada, os educadores e as educadoras começam a agir e a educação torna-se um ato político.

Dessa maneira, a verdade fatural aparece em público, não como objeto de disputa política, mas por ser notória, não modificável e comum a todos os seres humanos, isto é, conforme Arendt (2011, p.324): “Conceitualmente, podemos chamar de verdade aquilo que não podemos modificar; metaforicamente, ela é o solo sobre o qual nos colocamos de pé e o céu que se estende acima de nós”. A verdade dos fatos compõe o solo do mundo comum e se impõe como limite contra toda forma de manipulação deliberada da história. Não se pode, por exemplo, negar a existência de fatos criminosos como o tráfico de pessoas negras africanas que foram escravizadas no Brasil até fins do século XIX e não se pode contestar o genocídio de judeus e outros povos pelo Holocausto durante a Segunda Grande Guerra. A verdade delimita a ação política, que é livre, mas se movimenta dentro de limites, em que há condições que não permitem a invenção, mas que são postas (ALMEIDA, 2010, p. 862).

Nesse sentido, quando na escola uma professora conta às crianças a história de uma obra de arte, como “Guernica”, quadro do pintor espanhol Pablo Picasso (1981), que representa um fato histórico, o bombardeio aéreo de caças nazistas contra a população da cidade de Guernica em apoio ao regime fascista espanhol, ela exerce um ato político. Assim também, quando essa mesma professora relata aos alunos que houve no Brasil tráfico de pessoas negras de origem africana que foram escravizadas e que lutaram por direitos contra a política escravagista do estado brasileiro. Ou quando no Brasil a história registra que houve um estado de exceção no período entre os anos de 1964 até 1985, em que foi instaurado a Ditadura Militar com a perseguição e morte de diversos cidadãos brasileiros. E mais, quando a professora ensina aos jovens acerca da história de descobertas científicas com os cálculos sobre a circunferência do planeta Terra, desde o grego Eratóstenes no século II a.C., passando pelo telescópio de Galileu na Renascença até a viagem humana à lua, existe também um exercício político no ato de ensinar.

A expressão desse um ato político na escola está no combate à mentira organizada que nega

as atrocidades nazistas, a ciência, a escravização negra e os anos de Chumbo ditatoriais no Brasil. Ao apresentar uma obra de arte, contar a história e experimentar a ciência, a escola exerce não apenas um papel político, mas também de inspirar a criança na possibilidade de também ser um artista, um cientista ou uma professora. Carvalho (2014, p. 827) lembra a importância do sentido político da experiência escolar ao trazer literatura para a sala de aula,

[...] a responsabilidade política de um professor se materializa pela mediação da literatura, de modo que a legitimidade da dimensão política da atividade docente não se desvincula de sua responsabilidade pelos saberes que ensina e pelos princípios e valores que animam a instituição em que trabalha: a escola.

Dessa forma é possível compreender que a educação é um campo de resistência política à mentira. A educação lida também com a verdade dos fatos, mas principalmente na medida em que essa verdade é parte das narrativas, das histórias, das obras de arte que compõem o mundo comum. Apesar de distinguir a atividade educacional da ação política, Arendt aposta na relação da educação com a política. Assim como a política, a educação cuida do mundo – isso não significa que educação e política sejam a mesma coisa. Diante dessa perspectiva arendtiana, em caso excepcional, a educação pode vir a assumir um caráter político enquanto resistência à mentira organizada. Não há possibilidade de uma educação construída em mentiras, a mentira é a expulsão dos novos do mundo comum. Os regimes totalitários não só tentaram destruir a política, a liberdade e a ação, mas também a educação uma das primeiras instituições sob o ataque da mentira em massa. Arendt apostou na natalidade, essência da educação, na singular novidade dos novos no mundo, na verdade dos fatos, nas histórias, na história, na memória e na imaginação, importantes elementos na educação como resistência contra a tentativa de a mentira organizada.

O diálogo com o passado é determinante para pensar o mundo comum. Assegurar a realidade, a fidelidade aos fatos e a transmissibilidade das histórias contra a modificação ou apagamento dos registros e dos testemunhos dos eventos, torna-se uma condição política fundamental para a educação em oposição a todas as formas de manipulação.

Se a educação lida com a fragilidade dos fatos e das narrativas transmitidas de geração a geração, resistir politicamente consiste em dar vida para aqueles que já se foram e constituíram esse mundo comum. Narrar é trazer ao presente as vozes do passado, dando força aos seus testemunhos dos fatos, das experiências e da construção do conhecimento erigidos pelos antepassados. Falar a verdade fatural e narrar o mundo comum constituem um liame fundamental na construção da vida política e do cuidado com a herança histórico cultural, deixada por aqueles que se foram. A importância do ato de lembrar assegurando a verdade dos fatos e a realidade pelos testemunhos como parte do mundo compartilhado. Para Arendt (2015, p.16),

[A verdade fatural] está sempre correndo o risco de ser perfurada por uma única mentira ou despedaçada pela mentira organizada de grupos, países ou



classes, ou negada e distorcida, muitas vezes cuidadosamente acobertada por calhamaços de mentiras, ou simplesmente autorizada a cair no esquecimento. Fatos necessitam de testemunhos para serem lembrados, e de testemunhas confiáveis para serem oficializados, de modo a encontrar um lugar seguro para habitar o domínio dos interesses humanos.

O testemunho e o ato de lembrar os atos e as palavras do passado afirmam uma forma de resistência política à mentira. Arendt parece ter expressado esse pensamento nos riscos da perda do mundo comum e da impossibilidade de deliberar e compartilhar a vida no espaço público. A educação também depende da lembrança e da memória dos testemunhos das gerações passadas, sem as quais não há um solo comum para que os novos possam ser recebidos e criar um sentimento de pertencimento e vínculos com o legado histórico. Dessa maneira, a educação é um fenômeno humano fundamental para a resistência à mentira, que falseia a realidade e intenta o apagamento da história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após sobreviver aos tempos sombrios, Hannah Arendt tentou compreender como foi possível seres humanos cometerem tantas atrocidades contra outros seres humanos, a partir de um projeto de poder baseado na violência e no ódio. Arendt, uma testemunha daqueles fatos históricos, narrou os perigos da perda do sentimento de pertencimento ao mundo comum e da capacidade de compreensão da história e da realidade do poder totalitário.

A mentira, a propaganda e a ideologia em massa constituíram-se como elementos dos regimes totalitários. As técnicas de propaganda baseadas na falsidade deliberada e na fidelidade cega não só a um líder, mas a uma ideia única, configuraram a eclosão do poder totalitário através da mentira organizada. Essa fabricação de informações fraudulentas em massa nos regimes totalitários caracterizou uma tentativa de apagar o passado e destruir o espaço público.

A narrativa de Arendt constitui-se enquanto um legado transmitido às próximas gerações que alerta para o real perigo da mentira organizada. A produção de informações fraudulentas sobre a realidade e sobre o mundo comum ainda espregueia a política mesmo após o fim dos regimes totalitários. Mesmo no momento histórico de afirmação das instituições democráticas, a importância da opinião na política, a distinção entre a mentira e a verdade factual, entre a realidade e a ficção podem ser ameaçadas pela mentira organizada. O espaço democrático preceitua a pluralidade de ideias, o respeito à singularidade de cada pessoa e estimula a preservação da diversidade no mundo comum, fundamentos que precisam continuamente ser ensinados às novas gerações.

No tempo recente, as democracias no mundo enfrentam o fenômeno das *fake news* que transformou as técnicas da propaganda de massa na política e a desenfreada disseminação da



mentira. As *fake news* atuam politicamente como instrumentos eficazes da mentira organizada produzida por pessoas com interesses políticos, afetando todas as áreas da vida em comum, como também a educação.

A educação, em concordância com o pensamento de Arendt (2011), introduz as crianças e os jovens no mundo comum e estabelece um sentimento de pertencimento a um legado de experiências e da ação realizadas por gerações passadas. Na educação, a durabilidade do mundo é assegurada na transmissão do testemunho, dos fatos e do passado narrado em histórias entre as diversas gerações.

As *fake news* enfraquecem o espaço público de debate sobre os negócios humanos e assediam a verdade dos fatos e as narrativas históricas. Enquanto instrumento da mentira organizada as notícias fraudulentas são manipulação intencional dos acontecimentos provocando o esfacelamento sobre a compreensão da realidade.

A educação traz um olhar para o passado, para as lições e as experiências de gerações anteriores que construíram a história e a cultura. Ao lidar com os testemunhos do passado frágeis diante mentira organizada a educação torna-se um dos principais alvos dos discursos intencionalmente fabricados e disseminados pelas *fake news*.

Com a tentativa de desarticular a educação pela mentira, professores, professoras, jovens estudantes e parte da sociedade lutam para garantir um direito de conhecer e pertencer ao abrigo do mundo comum. Assim como aquele que enfrenta os perigos para dizer a verdade dos fatos no espaço público em tempos sombrios da mentira organizada, a educação também é um exercício da coragem não só em apresentar a verdade dos fatos, mas em transmitir aos mais novos um legado plural de histórias criados por gerações passadas.

Para que algo não seja invariavelmente quebrado e esquecido sem que sequer seja nomeado pelo efeito traiçoeiro da mentira organizada, a educação pode vir a ser um baluarte de resistência. A educação tem um compromisso e cuidado com o mundo comum na transmissão do passado revelando às crianças os fatos históricos, a cultura, a arte e a ciência. Por meio dessa responsabilidade as professoras e os professores ao apresentar o testemunho de um mundo pensado, imaginado e criado por gerações passadas resistem aos riscos da mentira organizada sobre a realidade.

Portanto, os atores da educação, em tempos de *fake news*, têm a responsabilidade de agir e a resistir contra o cenário perfidamente produzido por qualquer instrumento insidioso da mentira.

## REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **A distinção entre conhecer e pensar em Hannah Arendt e sua relevância para a educação.** Educ. Pesqui. [online]. 2010, vol.36, n.3, p.853-865.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** 13ª ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** 6. ed. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARENDT, Hannah. **A Dignidade na política.** Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARENDT, Hannah. **Crises da República.** Tradução de José Volkmann. 2ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf) > Acesso: 20 Mai. 2018.

BUCCI, Eugênio. **Pós-política e corrosão da verdade.** Revista USP. São Paulo, n. 116, p. 19-30, janeiro/fevereiro/março 2018.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **EDUCAÇÃO, UMA HERANÇA SEM TESTAMENTO: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt.** São Paulo: Perspectiva, 2017.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Política e educação em Hannah Arendt: distinções, relações e tensões.** Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 128, p. 813-828, set. 2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COLLINS. **Etymology Corner - Collins Word of the Year 2018.** London, 2 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/word-lovers-blog/new/etymologycorner-collins-word-of-the-year-2017,400,HCB.html>>. Acesso em: 2 jun. 2019.



DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (Orgs) **Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação**. Paris: Unesco, 2018.

**O MERCADO de notícias**. Direção: Jorge Furtado. Brasil. Distribuidora: Casa de Cinema de Porto Alegre, 2014. (98 minutos): som, color & pb.

NOVA ESCOLA. **Mentira na Educação, não!** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/guias/1497/mentira-na-educacao-nao>>. Acesso em: 01 Mar. 2019.

PEREIRA, Geraldo Adriano Emery. **O problema da verdade na obra de Hannah Arendt**. Tese de Doutorado (UFMG), 2017.

PICASSO, Pablo. **Picasso: dessins et gouaches 1899-1972**. Paris: Galerie Louise Leiris, 1981.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

SILVA, Ronaldo M. **Um Novo Paradigma: democracia e redes sociais - O fenômeno das redes sociais como instrumento de fraternidade**. In: Seara Filosófica. N. 7, Verão, 2013, p. 39-64.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. **Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter**. Galáxia (São Paulo), São Paulo, n. 41, p. 31-47, Aug. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198225532019000200031&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198225532019000200031&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 Nov. 2019.

TRINDADE, Ana Lígia de Oliveira de; FIGUEIREDO, Ewerton Luís Faverzani; SANTOS, Nádia Maria Weber; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas; CONSTANTE, Robson da Silva. **Multiculturalismo Urbano: o Fenômeno *Flash Mob***. Texto Digital (UFSC), v. 8, p. 25-39, 2012.

REVISTA USP. **Dossiê Pós-Verdade e Jornalismo**. São Paulo, n. 116, janeiro/fevereiro/março 2018.